

Mais de 109 mil trabalhadores fizeram acordo de demissão e perderam direitos

Apesar da perda de direitos na hora da rescisão, a demissão por comum acordo entre patrão e trabalhador, sem a presença do sindicato da categoria, criada pela reforma Trabalhista do ilegítimo e golpista Michel Temer (MDB-SP), tem aumentado no País, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.

De acordo com o Caged, desde a aprovação da nova legislação, em novembro do ano passado, 109.508 trabalhadores e trabalhadoras assinaram acordos para rescindir os contratos de trabalho e, com isso, perderam o direito ao seguro-desemprego, receberam metade do aviso-prévio (em caso de indenização) e apenas 20% da multa do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) paga pelo patrão - e não mais os 40% a que tinha direito.

Na hora de sacar os valores depositados na conta individual do FGTS, outro baque: quem assina esse tipo de acordo pode tirar 80% do total. Os 20% restantes ficam depositados e serão incorporados aos valores que forem depositados no futuro, se o trabalhador ou trabalhadora conseguir emprego com carteira assinada. Se não conseguir mais emprego com carteira assinada, poderá sacar somente quando se aposentar ou caso utilize o valor para financiamento da casa própria ou para adquirir linhas de crédito que utilize o FGTS como garantia.

Para a secretária de Relações do Trabalho da CUT, Graça Costa, o aumento das demissões por acordo mostram cada vez mais os efeitos nefastos da reforma Trabalhista. Segundo ela, a multa de 40% sobre o FGTS e

demais verbas funcionavam como um mecanismo de limitação à alta taxa de rotatividade e davam certa proteção aos trabalhadores e trabalhadoras empregados.

Perfil dos trabalhadores que fazem acordo

Levantamento feito pela subseção do Dieese da CUT mostra que a média salarial e o tempo de serviço dos trabalhadores e trabalhadoras que assinaram esse tipo de acordo são maiores do que todas as outras modalidades de demissão. Enquanto a média salarial dos demitidos sem justa causa (maioria dos casos) é de R\$ 1.740,20, a média dos desligados por “comum acordo” é de R\$ 2.135,66.

Os trabalhadores que foram demitidos por acordo com patrão tinham, em média, três anos e nove meses de empresa. Já os que foram demitidos sem justa causa trabalhavam, em média, dois anos e sete meses na empresa.

Caged

Em novembro de 2017, o Caged registrou 855 desligamentos por comum acordo entre patrão e trabalhador. Em dezembro, um mês após a mudança na lei, foram fechados 5.841 acordos. Já em agosto deste ano, último dado disponível, o total chegou a 15.010.

Somente em agosto, 74,5% dos casos de demissão por acordo foram no serviço e comércio. Os estados das Regiões Sul e Sudeste foram os que apresentaram os maiores números: São Paulo, com 3.952 acordos, seguido por Paraná (1.445), Santa Catarina (1.259), Minas Gerais (1.193), Rio Grande do Sul (1.166) e Rio de Janeiro (1.045).

As ocupações mais sujeitas a esse tipo de acordo, em que o negociado prevalece sobre os direitos históricos garantidos pela lei, foram vendedores de comércio e varejistas, auxiliares de escritório, assistentes administrativos, vigilantes e faxineiros.

O que perde o trabalhador que negocia sozinho a demissão:

- 50% do aviso-prévio e da multa do saldo do FGTS
- perde o direito de receber 40% da multa das verbas rescisórias e recebe apenas 20%
- perde o direito de acessar o seguro-desemprego
- não consegue sacar o valor total do FGTS, somente 80%

Fonte: CUT

Sindsep/MA convoca servidores da ex-Roquette Pinto

O Sindsep/MA através da Secretaria de Assuntos Jurídicos e Institucionais, convoca os seguintes servidores da ex-Roquette Pinto para comparecerem à sede do sindicato, no intuito de tratarem assuntos sobre processos ajuizados.

Maria dos Anjos Ferreira Borges
Maria dos Remédio Sousa Lima
Maria Dulce Pereira Borges
Maria Elisabete Sousa Silva Correia
Maria Ferreira Lindoso Alves
Maria Francisca da Silva Barroso
Maria Francisca Lauande Fonseca
Maria Gerinalda Ribeiro Rodrigues
Maria Helena Cardoso
Maria Helena Jesus Ribeiro
Maria Helena Moreira Carvalho



Os cegos e o elefante

Parábola indiana

Certo dia, um príncipe indiano mandou chamar um grupo de cegos de nascença e os reuniu no pátio do palácio. Ao mesmo tempo, mandou trazer um elefante e o colocou diante dos cegos. Em seguida, conduzindo-os pela mão, foi levando os cegos até o elefante para que o apalpassem.

Um apalpava a barriga, outro o rabo, outro a orelha, outro a tromba, outro uma das patas... Quando todos os cegos tinham apalpado o paquiderme, o príncipe ordenou que cada um explicasse aos outros como era o elefante.

Então, o que tinha apalpado a barriga disse que o elefante era como uma enorme panela. O que tinha apalpado o rabo até os pelos da extremidade, discordou

e disse que o elefante se parecia mais com uma vassoura...

– Nada disso! – interrompeu o que tinha apalpado a orelha. – Se com alguma coisa se parece é com um grande leque aberto.

O que apalpara a tromba deu uma risada e interferiu:

– Vocês estão por fora. O elefante tem a forma, as ondulações e a flexibilidade de uma mangueira de água.

– Essa não! – replicou o que apalpara a pata – ele é rígido como um poste.

Os cegos se enroscaram numa discussão sem fim, cada um querendo provar que os outros estavam errados, e que o certo era o que ele dizia. Evidentemente cada um se apoiava na sua própria expe-

riência e não conseguia entender como os demais podiam afirmar o que diziam.

O príncipe deixou-os falar para ver se chegavam a um acordo, mas quando percebeu que eram incapazes de aceitar que os outros podiam ter tido outras experiências, ordenou que se calassem.

– O elefante é tudo isso que vocês falaram – explicou. – Tudo isso que cada um de vocês percebeu é só uma parte do elefante. Não devem negar o que os outros perceberam. Deveriam juntar as experiências de todos e tentar imaginar como a parte que cada um apalpou se une com as outras para formar esse todo que é o elefante.

Fonte: motivacaoefoco.com.br

A ajuda

Lenda oriental

Um pequeno garoto estava tentando mover um pesado armário, mas o móvel não cedia, apesar de todo seu esforço. Ele empurrava e puxava com toda sua força, mas não conseguia movê-lo nem um centímetro.

O pai, que estava chegando, parou para observar os esforços vãos do filho.

Finalmente perguntou:

– Filho, está usando toda a sua força?

– Sim, estou! – gritou o garoto, esgotado.

– Não! – disse calmamente o pai: – Você não está, pois, você ainda não pediu a minha ajuda.

Fonte: motivacaoefoco.com.br

